



AS OFICINAS DE AUDIOVISUAL DOS PROJETOS: PROVA E EDUCAM E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL EM PROCESSOS EDUCOMUNICATIVOS

Sílvia Cipriano¹⁶ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O presente artigo resulta de uma breve reflexão sobre a divulgação científica e cultural potencializada em processos educacionais que usam o audiovisual como estratégia. Ele tem como base as oficinas dos projetos: Projeto de Vivência Audiovisual (PROVA) e Educação Cultura e Mídia (EDUCAM), realizadas com crianças e jovens residentes em áreas de vulnerabilidade de Campinas-SP. É relevante ressaltar que, embora visassem o público infantojuvenil, ao longo dos encontros o coletivo contou com a participação de pais/responsáveis, irmãos, amigos dos educandos e moradores das comunidades que sediaram os projetos, entre outros. Essa participação inesperada transformou-se em um diferencial importante para o desenvolvimento da proposta. As oficinas tinham como objetivo disseminar o conhecimento científico e cultural, através do compartilhamento de saber, visando ao desenvolvimento crítico dos educandos e, por conseguinte, a conquista da autonomia. Ao longo do período de quase vinte anos, foi possível observar as implicações do conhecimento científico e cultural na vida dos participantes. A divulgação científica e cultural funcionou como uma ferramenta que viabilizou o rompimento das bolhas sociais das quais os educandos faziam parte, favorecendo, assim, o fortalecimento do senso de coletividade, da identidade social e a ampliação da disseminação desse conhecimento.

Palavras-chave: Oficina audiovisual. Educomunicação. Mediação. Educação. Divulgação científica e cultural.

Abstract:

This article is the result of a brief reflection on scientific and cultural dissemination enhanced in educative processes that use audiovisual as a strategy. It is based on the workshops of the projects: Audiovisual Experience Project (PROVA) and Culture and Media Education (EDUCAM), held with children and young people living in vulnerable areas of Campinas-SP. It is important to note that, although they were aimed at children and young people, throughout the meetings the collective had the participation of parents/guardians, siblings, friends of the students and residents of the communities that hosted the projects, among others. This unexpected participation became an important differential for the development of the proposal. The workshops aimed to disseminate scientific and cultural knowledge, through the sharing of knowledge, aiming at the critical development of the students and, therefore, the achievement of autonomy. Over the period of almost twenty years, it was possible to observe the implications of scientific and cultural knowledge in the lives of the participants. Scientific and cultural dissemination worked as a tool that made it possible to break the social bubbles of which the students were part, thus favoring the strengthening of the sense of collectivity, social identity and the expansion of the dissemination of this knowledge.

Keywords: Audiovisual workshop. Educommunication. mediation. Education, scientific and cultural dissemination.

¹⁶ Formação em Letras pela Unesp/Assis-SP. Especialista em Artes Visuais, Intermeios e Educação pelo Instituto de Artes da Unicamp. Mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Labjor/IEL/Unicamp. E-mail: alipiela@gmail.com.



Introdução

A proposta deste artigo é promover uma reflexão acerca da divulgação científica e cultural, potencializada pela partilha de conhecimento em processos educomunicativos que empregam o audiovisual como estratégia. Para tanto, propomos um estudo a partir das oficinas de audiovisual das propostas educacionais: Projeto de Vivência Audiovisual (PROVA) e Educação, Cultura e Mídia (EDUCAM), desenvolvidos com crianças e jovens residentes em área de vulnerabilidade do município de Campinas-SP.

No livro *Palavras Incertas – As não-coincidências do dizer*, Jacqueline Authier-Revuz afirma que a divulgação científica é considerada:

(...) uma atividade de disseminação, em direção ao exterior de conhecimento científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita: essa disseminação é feita de fora da instituição escolar-universitária e não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 107)

De acordo com o pensamento da autora, a função da Divulgação Científica é contribuir com o desenvolvimento das ciências, através da ampliação do seu alcance, na medida em que torna acessível ao público o resultado das pesquisas científica. Em outras palavras, o mundo exterior à academia se abrange de modo a atingir a comunidade não científica – mais precisamente o homem comum, alijado do conhecimento científico. Logo, o divulgador científico seria o sujeito que reformula a linguagem científica de modo a promover sua circulação mais ampla.

A respeito dessa situação de alijamento da comunidade não científica Authier-Revuz (1998), chama a atenção para os seguintes perigos:

- a. O risco da “*alienação do homem comum ante um meio cada vez mais técnico*”;
- b. A “*ruptura cultural*” entre uma elite científica, investida de poderes ligados à competência, e uma população privada de acesso aos conhecimentos científicos.

Evidenciamos a importância da divulgação científica – e também cultural – pois, sendo os males descritos anteriormente imputados à falta de saber, o divulgador será o indivíduo que, através da disseminação desse saber, poderá dificultar, ou até evitar, a referida alienação. Desta forma, tocamos neste ponto, na justificativa de maior valor para a escrita do presente texto: a importância para a sociedade da Divulgação Científica e Cultural (DCC).

De um modo geral, a popularização da ciência e da cultura funcionam como potente instrumento democrático de acesso ao conhecimento historicamente acumulado pela sociedade e às ferramentas tecnológicas de informação e comunicação, podendo contribuir com a



melhoria nas condições de vida das populações vulneráveis, uma vez que as instrumentaliza na luta contra a desigualdade social e em defesa de seus direitos.

O estudo desenvolve-se embasado no enfoque da educomunicação – cujas bases são a educação, a comunicação e a tecnologia –, aqui aplicada a partir do estudo de caso, a respeito da experiência com as oficinas de audiovisual supracitadas, realizada entre os anos 2001 e 2019, na cidade de Campinas/SP.

2. Sobre as oficinas dos Projetos PROVA e EDUCAM

As oficinas de cinema e vídeo do Projeto de Vivência Audiovisual (PROVA) foram idealizadas em 2001. Tratou-se, inicialmente, de uma proposta de atividade extracurricular endereçada aos estudantes do Projeto Popular de Pré-vestibular Cursinho do Sindicato¹⁷. Ministravam aulas nesse espaço os estudantes da graduação e da pós-graduação da Unicamp, sendo que alguns vinham de outros projetos de educação social, como Instituto Cultural Antônio Cesarino (ICAC) e o Cursinho DCE-Unicamp. Com uma proposta de ensino alternativo, voltada para as discussões sociais e fomentação da cultura, para preparar os estudantes para os vestibulares e incentivá-los a persistirem na busca por uma vaga no ensino superior, esse projeto tinha como base os eventos culturais e as atividades extracurriculares. O ensino através de oficinas eram uma praxe bastante explorada. Foi nesse contexto, que – como docente da área de Literatura e Redação – para o evento de *Halloween: Noite dos Contos de Terror*, em parceria com a docente Maria Beatriz Peres, da área de Matemática, organizamos oficinas de cinema e vídeo e produzimos com os estudantes um conto de terror.

Nas oficinas de audiovisual do PROVA, foram trabalhados a estrutura do roteiro, as funções dos profissionais do cinema, a linguagem cinematográfica e, obviamente, as tecnologias de informação e comunicação que são empregadas em uma produção. Além disso, no processo de preparação para a escrita do roteiro foram lidos e discutidos obras literárias e fílmicas. Entretanto, no final o roteiro selecionado foi uma adaptação de um texto prévio que um dos alunos já possuía, cuja a história promovia intertexto com as obras *Cemitério Maldito* (*Pet Sematary*) de Mary Lambert, produção de 1989; *Uma Noite Alucinante: a morte do demônio* (*Evil Dead*) de Sam Raimi, produção de 1981 e *A Bruxa de Blair* (*The Blair Witch Project*) de Adam Wingard, Eduardo Sánchez, Daniel Myrick, Ben Rock, Joe Berlinger, produção de 1999.

¹⁷ Iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Campinas-SP. O cursinho abriu suas portas em 1998. As aulas ocorriam em um prédio localizado à rua José Paulino, 580.



O Projeto de Educação, Cultural e Mídia (EDUCAM) é um desdobramento do PROVA e foi idealizado em 2006, durante as gravações do documentário Teia dos Sonhos¹⁸. A proposta fílmica nasceu da parceria com o Movimento Sonha Barão. Durante a captação das imagens, tivemos contato com grupos que tinham interesse em atuar com projetos que envolvessem a educação, comunicação e arte, tal como nós. Desse diálogo e da partilha de interesses, surgiu a ideia do Projeto EDUCAM – Educação, Cultura e Mídia. Inicialmente, tratava-se de uma proposta próxima das oficinas de cinema e vídeo do PROVA, mais tarde, com o tempo passou a adquirir outros contornos, dado que o compreendemos como um possível espaço para a mediação midiática e a criação coletiva de propostas educacionais.

Ao longo dos seus 20 anos, pelas oficinas de introdução à linguagem audiovisual e de produção de cinema e vídeo do projeto PROVA passaram muitos jovens, com idade entre 14 e 29 anos, residentes nas áreas de vulnerabilidade de Campinas. Esses jovens produziram longa, média e curtas-metragens de ficção ou documental, com abordagens temáticas variando de acordo com o interesse do coletivo. Por exemplo, ao longo dos anos foram abordados temas filosóficos como a morte e o devir (existencialismo); identidade (subjetividade); temas sociais como desigualdade, intervenção social, homofobia; temas legais como Direitos Humanos, Estatuto da Criança e do Adolescente, direito ao transporte coletivo de qualidade, dentre outros campos do conhecimento. A duração das oficinas foi irregular, indo de semanas a meses, dependendo da proposta educativa, do espaço utilizado e do interesse do grupo acessado. A mais curta teve duração de 3 semanas, e a mais longa de 1 ano.

Pelas oficinas do EDUCAM, ao longo desses 15 anos, passaram crianças e jovens da faixa etária de 8 a 29 anos. Elas tiveram duração entre 4 semanas a 6 meses. O público também foi constituído por residentes de áreas de vulnerabilidade de Campinas (SP). Nesse projeto, o tema abordado era selecionado pelo coletivo, a partir de um exercício de observação do meio, levantamento de situações problemas e elaboração de questionamentos, identificação de temas possíveis, levantamento de hipóteses e propostas de intervenção. Nessas oficinas, foram trabalhados temas como: violência urbana, identidade, família, adoção, bullying, sequestro de pessoas, vício em tecnologias, folclore brasileiro, etc. Ambos os projetos ocorreram em espaços públicos como praças, parques, espaços de cultura e, também, em escolas públicas que tinham o programa Escola da Família¹⁹.

¹⁸ Registro dos 15 projetos sociais que atuavam no distrito de Barão Geraldo, Campinas (SP) no início de 2000.

¹⁹ Esse programa foi iniciado no ano de 2004, durante o governo de Geraldo Alckmin no Estado de São Paulo. Conforme descrito no Decreto nº 48.781/04, ele tem como objetivo reduzir a vulnerabilidade infantil e juvenil por intermédio do uso da escola, com intenções, sobretudo, sociais. Ele prevê a abertura da escola aos finais de semana



De um modo geral, os projetos apresentavam propostas similares. Contudo, o EDUCAM abrangeu o público infantojuvenil. Os participantes das oficinas acessaram os conceitos e técnicas básicas de captação de imagem e som, além dos elementos de construção da linguagem cinematográfica e da televisiva. Ou seja, nessas oficinas foram inclusas as mídias atuais e emergentes, explorando mais a relação entre sociedade, mídia, comunicação e educação.

Torna-se imperativo, nesse momento, ressaltar que, apesar da faixa etária descrita anteriormente, desde o início de ambos os projetos, participaram das oficinas pais/responsáveis e membros da comunidade local (de diferentes idades). Inicialmente, os pais e responsáveis apareciam para checar a presença dos menores, mas acabavam se envolvendo com as discussões e acompanhando os trabalhos, inclusive colaborando com as produções. Já os membros da comunidade, eram impulsionados pela curiosidade, primeiro apareciam questionando sobre o que estava acontecendo nos espaços utilizados (as oficinas aconteciam em praças públicas, casas de cultura, espaços de educação social, igrejas, entre outros), depois questionavam sobre os equipamentos (câmera, iluminação, microfones, etc.) usados nas aulas, revelando interesse em aprender a manusear, além disso, claramente eram instigados pelas discussões propostas pelos educandos. Durante esses debates, era evidente que se sentiam atraídos pela possibilidade de compartilhar conhecimento acerca dos problemas sociais que atingiam a comunidade e a oportunidade de buscar soluções no coletivo. Esse envolvimento de pais/responsáveis e da própria comunidade fez a diferença, pois enriqueceu a partilha de saber e, certamente, contribuiu muito com o processo emancipatório dos educandos.

Ao longo dos anos, além do estudo de obras literárias, filmes de referências, da história e do espaço geográfico a que os participantes pertenciam, foram firmadas parcerias com instituições de pesquisa e pesquisadores das mais diversas áreas, que contribuíram sistematicamente com o desenvolvimento dos projetos, seja assessorando, palestrando ou produzindo em parceria com os educandos.

O estudo das oficinas do PROVA e do EDUCAM corrobora com a compreensão da importância da Divulgação Científica e Cultural, no trabalho com as interfaces entre a arte, a comunicação, a tecnologia e educação, como estratégia para a construção de um percurso para a mediação cultural, social e científica e a fomentação de um senso crítico que promova a conquista da autonomia e emancipação.

para participação de diferentes segmentos da sociedade em atividades de temática variadas (MAIA e RAMOS, 2018).



Por fim, reforçamos que é um fato que oficinas de audiovisual, ao utilizarem tecnologia digital de informação e comunicação e promoverem a aproximação da arte com outras áreas de conhecimento, funcionam como um recurso estratégico de partilha de conhecimentos diversificados e, conseqüentemente, um campo rico para a Divulgação Científica e Cultural.

3. Sobre a Divulgação Científica e Cultural nos processos educacionais

Segundo aponta um dos maiores especialistas em Educação do Brasil, o professor Ismar de Oliveira Soares²⁰ (2011), desde os anos 30, com a reformulação do ensino e a instauração do tecnicismo, até o final dos anos 80, a educação era voltada basicamente para a instrução e formação técnica e/ou para a preparação e aprovação nos vestibulares nacionais. Era trabalhada com um objetivo direto e restrito aos espaços/instituições formais de ensino. Contudo, no início do século XX, esse panorama começou a se modificar, primeiramente nos Estados Unidos e na Europa, locais onde os trabalhos com Media Literacy e Media Education começaram a ser desenvolvidos, de forma a introduzir um novo olhar para a interface Educação/Comunicação.

No âmbito da América Latina, isso ocorre a partir dos anos 80, com os estudos e experiências práticas em Comunicação e Educação de Jesús Martín-Barbero, Mário Kaplún e, no caso do Brasil, Paulo Freire. Nesse período, o termo Educação ainda não era empregado. A esse respeito, Borges e Marques (2016, p. 2), expõe que no Brasil:

O termo Educação consolida-se, sobretudo, com a sistematização do campo nos anos 1990, mais especificamente a partir de 1999, quando concluída pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Universidade de São Paulo (USP), coordenada pelo professor Ismar de Oliveira Soares.

Com a propagação dos estudos na área da comunicação, a Educação passa a ser compreendida:

[...] como um campo epistemológico que, para além dos processos de ensino e aprendizagem, tem o desafio de romper limites com os processos meramente instrutivos e expandir seu alcance a quase todos os âmbitos da vida (OROZCO, 2014, apud LOBATO e SANTOS, 2020, p.156).

Por conseguinte, a educação basicamente reúne um conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos (SOARES, 2013 apud SOARES, 2011, p. 36).

E neste sentido:

²⁰Professor Titular Sênior da Universidade de São Paulo. Para mais informações, consultar o currículo Lattes, endereço de acesso: <http://lattes.cnpq.br/7611768706433230>.



[...] a educomunicação é um meio de fortalecimento do coeficiente comunicativo dos sujeitos e de seus grupos sociais, na medida em que proporciona outras vivências comunicacionais e educativas, diferentes das que são padrão nos espaços e processos educativos e comunicativos da nossa sociedade, servindo então quase que de uma visão, uma compreensão, e uma ação de intervenção no sentido contrário ao que é hegemônico, e que está a favor dos interesses dos proprietários e exploradores de instituições e movimentos culturais em ambos âmbitos da sociedade, a comunicação e a educação. (LAGO; VIANA, 2015, p.22).

Embora nas oficinas do PROVA e do EDUCAM buscássemos promover acesso às ferramentas digitais de informação e comunicação, além do domínio da linguagem cinematográfica e midiática, a verdade é que não tínhamos conhecimento de que nossa prática era educ comunicativa, mesmo constatando que a assimilação do conhecimento compartilhado nas oficinas fortalecia os processos comunicativos dos educandos. Somente nesse processo de recuperação, organização e análise dos dados das oficinas realizadas no período de 2001 a 2019, que o método educ comunicativo foi devidamente estudado e compreendido, assim como, o processo de construção da identidade e defesa do lugar de fala tornou-se perceptível. Os educandos, ao longo das oficinas, adquiriram conhecimentos que lhes possibilitaram a conquista da autonomia e, embora o processo seja individual, foi impulsionado pela partilha de conhecimento no coletivo.

Nesse contexto, a divulgação científica e cultural que ocorreu nas oficinas potencializou esse desenvolvimento crítico, favorecendo a emancipação do sujeito que passou a intervir na sua realidade, promovendo algumas transformações, embora pequenas, no âmbito familiar e no das comunidades.

4. Considerações Finais

Esse artigo buscou destacar a importância da Divulgação Científica e Cultural como forma de inclusão social, desenvolvimento crítico e emancipatório de crianças e jovens residentes de área de vulnerabilidade social do município de Campinas (SP). Para tanto, propomos uma reflexão a respeito dos processos educ comunicativas e da disseminação do conhecimento nas oficinas de audiovisual dos Projetos PROVA e EDUCAM.

Nos últimos dois anos, com a pandemia por coronavírus, testemunhamos os riscos de se manter uma população alijada desses conhecimentos. O negacionismo, o movimento anticientífico e a desinformação condenaram parte significativa da nossa população à morte. Nesse contexto, voltar o olhar para as oficinas tornou possível compreender que os indivíduos, familiares e a própria comunidade constituem uma bolha social forte. A participação da



comunidade, pais e responsáveis evidenciou que na partilha a bolha se rompe. Todavia, isso ocorre em um movimento de dentro para fora. O rompimento ocorre quando o indivíduo acessa conhecimentos científicos e culturais e desenvolve senso crítico mais apurado, passando a partilhar o conhecimento com os indivíduos do seu convívio, colaborando para o desenvolvimento crítico de seus familiares e amigos e estes podem levar a nova postura para os ambientes sociais que frequentam.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. Trad. Cláudia R. Castellano Pfeiffer. In: *Palavras Incertas – As não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998. p. 107– 131.

BORGES, J. J. S.; MARQUES, P. C. P.. *Educomunicação: origens e conexões de uma nova área de conhecimento*. Anais III CONEDU (Congresso Nacional de Educação). Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/19598>>. Acesso em 10 nov. 2021

LAGO, C.; VIANA, C. E. (Orgs.). *Educomunicação: caminhos da sociedade midiática pelos direitos humanos*. São Paulo: ABPEducom/NCE-USP/Universidade Anhembi Morumbi. 2015.

LOBATO, A. M. L.; SANTOS, H. S. A abordagem educacional em práticas pedagógicas na educação profissional de jovens marajoaras. *Educação Profissional e Tecnológica em Revista*, v. 4, n° 1 p. 153-168, 2020. Disponível: <<https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/531>>. Acesso em: 29 set. 2020.

MAIA, G. G. S.; RAMOS, G. P. Programa Escola da Família: a Escola a Desserviço da Escola. *Educação em Revista*. Marília, v.19, n.1, p. 103-120, Jan.-Jun., 2018. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7904>>. Acesso em: 29 set. 2020.

SOARES, I. O. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.